



SONHO CONCRETO
Carolina usa camisa
Comptoir des Cottonniers,
saia Candy Brown, bracelete
Burberry e óculos Fendi

A fashionable
LIFE
CAROLINA MALUHY

Muita história e a vontade de integração absoluta são os pilares da morada da paulistana. Criação da própria arquiteta – que passeia do modernismo ao artesanato –, é, sem dúvida, seu melhor projeto.

*por Dudi Machado | fotos Christian Maldonado
set design Fissy Brauen | styling Giovana Refatti*



T

aurina reservada, como rege seu signo, invadir a casa da arquiteta Carolina Maluhy no coração do Jardim Europa, em São Paulo, é privilégio para poucos. “Passei minha infância e adolescência em um ambiente social superagitado. Com o tempo, a gente descobre o que é melhor para nossa vida. Hoje, entendi que essa é a minha praia”, resume. “Estou em harmonia comigo mesma, e isso ajuda em tudo, até na minha criatividade.”

Os tempos de badalação paulistana ficaram para trás. A fase atual é dedicada à família e aos amigos chegados. A casa nova, um projeto dela, reflete esse espírito: é ampla, iluminada, com poucas paredes e divisórias. Um lugar que exalta o convívio. “Queria que fosse uma casa da família, onde pudéssemos estar juntos sempre e fazer a vida mais simples.” Por todos entende-se ela, o marido, o empresário italiano Niccolò Ballarati, e os filhos Alec, de 10 anos – de seu casamento com o designer de joias Ara Vartanian –, e Gregório, de 6, de sua atual união. O espaço corrobora. A cozinha é ponto de encontro. Pudera. Niccolò trouxe de sua Florença natal tradições italianíssimas – o *ragazzo* é filho de uma *chef*, descendente direta da dinastia Borgia, o que já explica o fascínio e a dedicação à boa mesa.



ESPIRAL

À esq., panorama da sala principal e escada em ferro natural projetada por Carolina. Acima, tela grande de Ivan Mosca sobre banco Depósito Santa Fé. Na pág. ao lado, Carolina usa vestido Thierry Mugler



Conceber a própria casa é sonho de qualquer arquiteto, mas projetá-la não foi tarefa fácil. “Moramos aqui há dois anos, mas o projeto demorou a sair – como fiz para mim, tinha de ter certeza. Por sorte, tive aval de meu marido para fazer tudo da minha cabeça. Nada é comercial, temos grande afinidade estética, demos asas à nossa imaginação.” Oposto ao gosto geral da nação, que tem por tradição dividir tudo em cômodos, o famoso ‘cada um no seu canto’, aqui reina a convivência intensiva.

Muito disso passa pela história da própria Carolina – cosmopolita, deixou o Brasil aos 16 anos para se graduar na renomada Cushing Academy, nos arredores de Boston. De lá, foi direto para a faculdade de Arquitetura da Northwestern University. Ao todo, quase oito anos fora, tempo suficiente para lhe dar a tarimba necessária e se distanciar dos estereótipos brasileiros.

“Aqui, os padrões são muito fortes e restritivos. Morando fora,

consegui libertar minha criatividade com mais facilidade.” Um mestre? “Sem dúvida, Isay Weinfeld. Tive uma sorte incrível de trabalhar com ele, sou sua admiradora em todos os aspectos”, conta, sobre a experiência profissional de cinco anos que deu um norte a seu trabalho. Antes dele, passou um período no escritório de arquitetura Aflalo/Gasperini, sob tutela de Roberto Aflalo – em um outro espectro, uma arquitetura mais comercial, de grandes edifícios.

Carolina vive todos os aspectos da profissão. “Adoro qualquer coisa criativa, desenhar à mão, do projeto: a arquitetura olha a história como um todo. Gosto de me aprofundar e enxergo tudo como uma coisa única, do começo ao fim, até na decoração”, continua a admiradora de David Chipperfield, Eileen Gray e Charlotte Perriand. Depois de Weinfeld, se uniu à arquiteta Isis Chaulon. A sociedade durou nove anos. Naturalmente, foram procurando seus próprios caminhos. Hoje, Carolina vive plenamente seus projetos, com um escritório que leva seu nome.

De gosto totalmente eclético, suas escolhas ficam evidentes passeando pela casa. Tudo é fácil. Das garrafas e dos livros organizados no chão, sem prateleiras, dos sofás confortáveis que chamam para sentar, da luz e do calor do fogo da lareira, aos vários porta-retratos espalhados. Tudo conta, confortavelmente, a história da família que mora por lá. “Arquitetura é uma divisão de



Conceber a própria casa é sonho de qualquer arquiteto, mas projetá-la não foi tarefa fácil. “Moramos aqui há dois anos, mas o projeto demorou a sair – como fiz para mim, tinha de ter certeza. Por sorte, tive aval de meu marido para fazer tudo da minha cabeça. Nada é comercial, temos grande afinidade estética, demos asas à nossa imaginação.” Oposto ao gosto geral da nação, que tem por tradição dividir tudo em cômodos, o famoso ‘cada um no seu canto’, aqui reina a convivência intensiva.

Muito disso passa pela história da própria Carolina – cosmopolita, deixou o Brasil aos 16 anos para se graduar na renomada Cushing Academy, nos arredores de Boston. De lá, foi direto para a faculdade de Arquitetura da Northwestern University. Ao todo, quase oito anos fora, tempo suficiente para lhe dar a tarimba necessária e se distanciar dos estereótipos brasileiros.

“Aqui, os padrões são muito fortes e restritivos. Morando fora,

consegui libertar minha criatividade com mais facilidade.” Um mestre? “Sem dúvida, Isay Weinfeld. Tive uma sorte incrível de trabalhar com ele, sou sua admiradora em todos os aspectos”, conta, sobre a experiência profissional de cinco anos que deu um norte a seu trabalho. Antes dele, passou um período no escritório de arquitetura Aflalo/Gasperini, sob tutela de Roberto Aflalo – em um outro espectro, uma arquitetura mais comercial, de grandes edifícios.

Carolina vive todos os aspectos da profissão. “Adoro qualquer coisa criativa, desenhar à mão, do projeto: a arquitetura olha a história como um todo. Gosto de me aprofundar e enxergo tudo como uma coisa única, do começo ao fim, até na decoração”, continua a admiradora de David Chipperfield, Eileen Gray e Charlotte Perriand. Depois de Weinfeld, se uniu à arquiteta Isis Chaulon. A sociedade durou nove anos. Naturalmente, foram procurando seus próprios caminhos. Hoje, Carolina vive plenamente seus projetos, com um escritório que leva seu nome.

De gosto totalmente eclético, suas escolhas ficam evidentes passeando pela casa. Tudo é fácil. Das garrafas e dos livros organizados no chão, sem prateleiras, dos sofás confortáveis que chamam para sentar, da luz e do calor do fogo da lareira, aos vários porta-retratos espalhados. Tudo conta, confortavelmente, a história da família que mora por lá. “Arquitetura é uma divisão de



PLAYGROUND

Carolina veste casaco Pedro Lourenço e botas Glória Coelho. Na pág. ao lado, cabana indígena comprada nos EUA e almofadas trazidas de Berlim

Beleza: João Boerio (Capa/MGT)

“Sou bem eclética e posso mudar conforme a fase que estou vivendo. Acho que o bom da moda é poder mudar e misturar, é mais fácil do que na arquitetura”

espaços que abrigam a vida da pessoa, que deve abrigar as memórias de quem vive ali. Não gosto de nada engessado.” A coisa vem de família: sua avó materna, sempre muito presente, foi a pintora canadense Marthe Dessureault, uma excêntrica, casada com o também pintor Ivan Mosca. “Minha mãe cresceu em meio a tudo isso, estética era assunto recorrente na mesa de casa.” Sua mãe é a estilista Candice Brown, conhecida por seus vestidos de festa, coqueluche entre a pauliceia.

Da teia familiar, muitíssimo bem arquitetada, vêm também as afinidades que percorrem seu guarda-roupa. Faz sentido, portanto, que goste de estilistas “arquitetônicos”, gente *à la* Pedro Lourenço, Glória Coelho e Balenciaga. “Sou bem eclética e posso mudar conforme a fase que estou vivendo. Acho que o bom da moda é poder mudar e misturar, é mais fácil do que na arquitetura.” Sem dúvida, no seu caso, o resultado é uma bela mistura. □



“**A**rquitetura é uma divisão
de espaços que abrigam a vida
da pessoa, que deve abrigar
as memórias de quem vive ali”



CONCRETISMO TROPICAL Acima, poltrona Ilda Klinker, cadeira Sérgio Rodrigues e piano no terraço do segundo andar da casa. À esq., utensílios de cozinha e tela de Márcia Grostein. No alto, Carolina no terraço do segundo andar

1. Abajur Batucada, Via Light
2. Mesa Pés em Compasso, Loja Teo R\$ 1.800 cada
3. Banco Zurique Velha Bahia, R\$ 3.248
4. Poltrona Lafer, Loja Teo, R\$ 6.500
5. Poltrona RB 392, cod
6. Vaso Pós-Moderno de Guilherme Wentz, MAM- SP
7. Almofada Hug Hold, R\$ 500
8. Luminária Fortuny Novo Ambiente, R\$ 19 mil
9. Par de arandelas Loja Teo, R\$ 5.500



GET THE LOOK

Muita madeira, formas precisas, tons claros e tecidos leves: eis as referências da arquiteta por Tissy Brauen

